

## **AUDIODOCUMENTÁRIO NA ERA DOS PODCASTS:**

Um estudo de caso sobre "Praia dos Ossos" e "Retrato Narrado"<sup>1</sup>

Clara Cavalcanti RELLSTAB<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Este artigo busca, pela análise dos podcasts "Praia dos Ossos" e "Retrato Narrado", demonstrar de que maneira o audiodocumentário, gênero derivado do audiovisual e que ganhou espaço no rádio, desenvolve-se na era dos podcasts. A partir da definição de audiodocumentário concebida por Carmen Lúcia José (2015) e dos escritos acerca do rádio e interatividade postulados por Gisela Swetlana Ortriwano (1985), faz-se análise dos dois produtos sob a metodologia de Estrutura de Sentimento proposta por Raymond Williams (1971). Para isso, elenca-se os elementos que compõem a sua linguagem e contextualiza-se a presença do gênero nos podcasts brasileiros, considerando as novas formas de distribuição de áudio em plataformas digitais e seus mais recentes modos de produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** audiodocumentário; rádiocumentário; podcasts; Praia dos Ossos; Retrato Narrado.

### **INTRODUÇÃO**

Presente no Brasil há 15 anos, os podcasts ganharam status de protagonistas nas grandes redações brasileiras em 2018, com a estreia do podcast diário Café da Manhã<sup>3</sup>, do jornal Folha de S. Paulo. Desde então, programas no formato mesa redonda e entrevista — falando de política, comportamento e cultura — são maioria na lista dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Jornalismo da ECA-USP, e-mail: clara.rellstab@usp.com.br

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2V75bkC>>. Acesso em 11 de agosto de 2021.

---

podcasts mais ouvidos do país<sup>4</sup>. Foi somente em 2019, quando o podcast Projeto Humanos estreou a temporada "Caso Evandro", capitaneado pelo jornalista Ivan Mizanzuk, que os audiodocumentários passaram a figurar, ainda que timidamente, os rankings especializados. A temporada destrincha o sequestro e assassinato do menino Evandro Ramos Caetano, em 1992, na cidade litorânea de Guaratuba, no Paraná.

Em 2020, os popularmente chamados "podcasts narrativos", já consolidados em países como Estados Unidos, Inglaterra e França, desembarcaram com maior presença no Brasil — através de uma observação, passamos a acreditar que uma das razões seja o sucesso alcançado pelo podcast "Caso Evandro", não somente por sua audiência, mas pelo fato de a produção ter vendido os direitos do programa para a TV Globo. Por conta dessa ascensão, este artigo propõe analisar de que maneira o audiodocumentário, gênero derivado do audiovisual e que ganhou espaço no rádio, desenvolve-se na era dos podcasts. Os objetivos principais são 1) demonstrar de que maneira o áudio documentário desenvolve-se nos podcasts; 2) elencar os elementos que compõem a sua linguagem; e 3) contextualizar a presença do gênero nos podcasts brasileiros considerando as novas formas de distribuição de áudio em plataformas digitais e seus mais recentes modos de produção e distribuição.

Para isso, serão analisados os episódios pilotos de duas produções da Rádio Novelo, produtora de podcasts carioca que tem se consolidado como uma das mais importantes do gênero. Lançado no dia 15 de outubro de 2020, *Praia dos Ossos* narra o assassinato de Ângela Diniz com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, no Rio de Janeiro, pelo então namorado Doca Street, réu confesso, em 1976. Nos três anos que se passaram entre o crime e o julgamento, no entanto, Doca tornou-se a vítima. A obra, idealizada e narrada pela jornalista Branca Vianna, procura, então, explicar quais os motivos sociológicos, culturais e da imprensa da época para que o caso se transformasse num exemplar da força do movimento feminista brasileiro. Em entrevistas, Branca costuma dizer que o *Praia dos Ossos* é "um filme para se assistir com os ouvidos", o que nos remete imediatamente à ideia da professora Gisela de que as imagens são produzidas na imaginação do ouvinte por meio da característica da sensorialidade (ORTRIWANO, 1985, p. 81). O podcast em questão, que possui oito

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://chartable.com/charts/spotify/brazil-top-podcasts>>. Acesso em 11 de agosto de 2021.

---

episódios e dois extras, parece buscar essa máxima, uma vez que a maioria da equipe responsável pela produção é oriunda do mercado cinematográfico: o roteiro é de Aurélio de Aragão e Rafael Spínola, da produtora de cinema Segundo Andar; a produção é de Claudia Nagarotto, que foi assistente de direção dos longas *Abril Despedaçado*, *Carandiru* e *Cazuza*; e a montagem é de Laís Lifschitz, editora dos filmes *No Intenso Agora*, de João Moreira Salles e a série *O Som e o Silêncio*, de José Joffily.

*Retrato Narrado* é uma série original do Spotify e da revista piauí, também produzida pela Rádio Novelo e lançada em 18 de outubro de 2020. Cada temporada traçará um perfil de uma personalidade de relevo, buscando explicar suas origens, motivações, sucessos, derrotas e contradições. A primeira temporada aborda, em seis episódios e um bônus, a trajetória que levou Jair Bolsonaro à presidência da República. Assim como a obra descrita anteriormente, *Retrato Narrado* também é feito por uma equipe com currículo oriundo do cinema. O podcast conta com roteiro e apresentação de Carol Pires, jornalista indicada ao Oscar pelo roteiro do documentário *Democracia em Vertigem*, longa dirigido por Petra Costa, e montagem de Jordana Berg, responsável pela montagem de todos os filmes do diretor Eduardo Coutinho.

## 1. AUDIODOCUMENTÁRIO

Entendemos o audiodocumentário — ou radiodocumentário — nos termos de Cármen Lúcia José, que afirma que o texto radiofônico, "foi passando por mudanças estruturais significativas que resultaram em uma estrutura singular que pode ser nomeada documentário radiofônico" (JOSÉ, 2015). De acordo com a autora, a leitura da notícia feita por apenas um locutor deixou de ser unânime e deu espaço e uma maior duração a outras fontes orais, as chamadas sonoras, com vozes que não as suas. Além disso, o documentário radiofônico também passou a aderir a trilhas e efeitos para composição de uma paisagem sonora que passou a acompanhar as narrações. "Com isso, o documentário radiofônico ganhava sua primeira formatação, isto é, o eixo da delimitação da cultura modelizava o gênero em padrão" (JOSÉ, 2015).

Sobre o conteúdo propriamente dito, vale resgatar as definições de documentário propostas para o audiovisual, por que, apesar da forma diferir, a substância do áudio puro possui a mesma essência do audiovisual. De acordo com a autora, o documentário

---

apresenta somente fatos, baseado em evidência documentada - registros escritos, fontes que podem ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero. Como na reportagem, o objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação, baseando-se num relato honesto e equilibrado. Outra definição cara a este artigo é aquela publicada por Almir Labaki e Maria Dora Genis Mourão. A dupla afirma que o gênero documentário tem desenvolvido a noção de ensaio com as características que lhe são peculiares: a liberdade de expressão, a possibilidade de experimentação, o desenvolvimento do espaço subjetivo, a montagem como agenciadora de uma desordem. (LABAKI E MOURÃO, 2003, p.23).

No tópico em que discute os diferentes tipos de tratamentos dados à informação no rádio, Ortriwano, em *A Informação no Rádio: Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* (1985), afirma que a notícia pode se apresentar a) na sua forma pura, limitada ao relato simples do fato em sua essência; ou b) de maneira ampliada, com reportagens e comentários, que podem ser interpretativos e opinativos. Os audiodocumentários, portanto, se encontram neste segundo lugar, onde a forma ganha relevância tal qual a essência da notícia em si. Além disso, podemos classificar os audiodocumentários em formato de podcast na categoria de transmissão informativa descrita pela autora como Especial. Segundo ela, um Especial é um programa que analisa determinado assunto, seja pela importância deste evento, seja pelo interesse histórico que ele suscita. É pressuposto que haja uma maior aprofundamento no tema, tanto no que tange às informações textuais quanto à plasticidade sonora.

Ainda pensando nos termos propostos por Ortriwano na sua obra seminal, é possível considerar o audiodocumentário um híbrido do que ela define, a partir de postulados de Artur da Távola, de "Rádio de Alta Estimulação" e "Rádio de Baixa Estimulação". A primeira refere-se a uma rádio mobilizadora, que faz uso de estímulos, que estabelece o sentimento de comunidade, personaliza o ouvinte, trabalha com análises de audiência, se aproxima da cultura popular brasileira — tal qual o audiodocumentário em formato de podcast. A exceção aqui diz respeito à temporalidade, a "Rádio de Alta Estimulação" tem um caráter de urgência, do aqui e a agora. Quando se fala em "Rádio de Baixa Estimulação", por sua vez, pensa-se numa rádio de lazer, que é menos urgente, é mais rebuscada e menos coloquial - porém, ao

---

contrário do que acontece no audiodocumentário, aqui os comunicadores não ganham individualidade, há seriedade e distanciamento.

A questão da interatividade nos podcasts continua aquém da utopia de uma participação direta dos ouvintes. Ortriwano, no artigo *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos* (1998), afirma que, no rádio, objetivamente, "o ouvinte só participa na medida em que atende aos interesses do próprio sistema, nunca para questioná-lo" (ORTRIWANO, 1998). Segundo ela, as vontades do público são levadas em consideração não somente para manter a fidelidade da audiência, mas para ampliá-la. No rádio, o emissor busca ocupar todo o espaço disponível.

Em seu artigo, *Estruturas do Documentário Radiofônico: Padrão e Desviante*, a autora apresenta os conceitos de padrão e desviante para caracterizar dois tipos diferentes de audiodocumentários. De modo geral, o documentário radiofônico padrão tem sua narrativa desenvolvida a partir de três lógicas informativas: a) a diacrônica, quando predomina a linha temporal: da origem até a atualidade, o tema refaz seu próprio percurso através de aspectos selecionados e apresentados em ordem cronológica; o exemplo mais pontual desse encaminhamento do tema é a biografia; b) a sincrônica, quando o tema é apresentado na profundidade de seus constituintes, isto é, os elementos de conteúdo são retirados do paradigma ou dos componentes estruturais do tema, no aqui e agora do evento; o exemplo mais pontual dessa lógica informacional ocorre quando o tema é tratado por analistas e críticos; e c) a diacrônica-sincrônica, quando ambas as lógicas de associação se entrelaçam para a apresentação dos aspectos do tema; o exemplo mais pontual desse entrelaçamento ocorre quando a voz profissional relata o percurso e a voz do especialista elabora a análise crítica do tema (JOSÉ, 2015).

Já os documentários radiofônicos desviantes, segundo ela, são localizados a partir do momento em que há uma associação em mosaico de determinada história naquele produto em áudio, de modo a revelar a pluralidade das versões do que foi vivido:

"(...) opondo ou complementando vozes que revelam um presente com contradições, porque todas as narrativas orais giram em torno do mesmo tema e assim as distinções que aparecem nelas revelam os diferentes modos de viver, isto é, os diferentes modos como o tema foi vivido como experiência, pelos depoentes; como referência, pelas autoridades; como conceito, pelos especialistas" (JOSÉ, 2015)

Aqui, diferentemente do que acontece no radiodocumentário padrão, esse mosaico de vozes reúne diferentes narrativas, de modo a associar relatos que são semelhantes ou complementares — estas conexões são feitas diretamente à escuta do ouvinte, que constrói essa relação conforme a narrativa lhe é apresentada. Bebendo da fonte do documentário audiovisual, os documentários radiofônicos desviantes não elegem um depoimento como o mais importante em detrimento de outro e, fazendo isso, suspendem a existência de uma "voz profissional principal", abrindo espaço para que vozes múltiplas ofereçam diferentes visões a respeito do tema, "permitindo, ao ouvinte, seleção e eleição na formação da opinião e exigindo escuta e não mera audição" (JOSÉ, 2015). José também atribui três diferentes tipologias para as fontes orais que estão presentes nos audiodocumentários. A autora divide-as em: a) depoentes, que seriam as pessoas que estiveram envolvidas no fato retratado; b) autoridades, personagens que dominam os procedimentos que regulam o funcionamento institucional do tema; c) especialistas, pessoas que participam com os resultados de seus trabalhos de pesquisa que dizem respeito ao tópico abordado. Segundo José, o audiodocumentário (ou documentário radiofônico, em seus termos), é sempre conduzido por dois narradores: o locutor e as sonoras. "A narração do locutor é a espinha dorsal do documentário porque os dados apresentados em sua narração são aqueles que serão ampliados pela argumentação ou pela contra argumentação das fontes orais" (JOSÉ, 2015).

## **2. METODOLOGIA**

O método de análise proposto neste artigo se articula a partir da observação do conceito metodológico de Estrutura de Sentimento, proposto por Raymond Williams (1971), a partir da noção de audiodocumentário e interatividade no rádio propostos, respectivamente, por José (2015) e Ortriwano (1998). Estrutura de Sentimento é um

---

conceito que permite com que seja possível voltar o olhar às características e aos deslocamentos que um determinado produto cultural sofre no decorrer do tempo. Segundo Gomes (2011), pensar o produto tendo em mente a noção de Estrutura do Sentimento previne a compreensão do telejornalismo como uma cristalização e permite visualizar o processo jornalístico como um todo, possibilitando ao analista “recuperar as fissuras, as ranhuras das práticas jornalísticas culturalmente vivas”.

Articula-se, então, Estrutura de Sentimento com as noções de dominante, residual e emergente, também indicadas por Williams (1979) para descrever elementos de diferentes temporalidades e origens que configuram o processo cultural. Deve-se considerar as características dominantes de um determinado processo ou sistema cultural, mas estar atento também a um certo senso de movimento, de processo histórico, e às articulações destes elementos dominantes com os residuais — aqueles que foram efetivamente formados no passado, mas ainda estão ativos no processo cultural, não só como elemento do passado, mas com um elemento ativo no presente — e os emergentes, que são os elementos que apresentam novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação que são efetivamente criados e que aparecem como alternativos ou opostos da cultura dominante. Segundo o autor, é “com as formações emergentes que a estrutura de sentimento, como solução, se relaciona” (WILLIAMS, 1979, p. 136).

A partir desse paradigma, o trabalho do analista, para Gomes (2011), é encontrar as marcas da heterogeneidade constitutiva do jornalismo, ou seja, a co-presença, em seus produtos, de elementos dominantes, residuais e emergentes. Portanto, neste artigo, busca-se identificar quais são estes aspectos, para entender como o audiodocumentário tem se firmado no formato de podcast, a partir da análise dos episódios pilotos de *Praia dos Ossos* e *Retrato Narrado* — respectivamente “*O Crime de Praia dos Ossos*” e “*Em Busca de Eldorado*” —, realizados pela produtora de podcasts Rádio Novelo.

### **3. ANÁLISE**

#### **3.1. O Crime de Praia dos Ossos**

O “*O Crime de Praia dos Ossos*”, episódio piloto do podcast *Praia dos Ossos*, lançado no dia 11 de setembro de 2020, procura ambientar o ouvinte desavisado aos

---

pormenores do assassinato de Ângela Diniz, socialite mineira que foi morta pelo namorado Doca Street em 30 de dezembro de 1976. Narrado em primeira pessoa por Branca Vianna, a idealizadora do projeto, o episódio tem início com a chegada dela e de Flora Thomson-DeVeaux (pesquisadora do podcast) a Búzios, no Rio de Janeiro, onde o crime ocorreu. É possível ouvir o som de passos, vento e do balanço do mar antes mesmo da voz das duas mulheres surgir em cena:

**Branca Vianna:** Olha que... vai ser aquela lá

**Flora Thomson-DeVeaux:** Será?

**Branca Vianna:** Ou essa aqui?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Não, essa da direita.

**Branca Vianna:** Essa aqui, não?

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa aí, não sei.

Em seguida, a locução de Branca anuncia: "Essa gravação foi feita em junho de 2019, naquele mês, eu fui pra Búzios com a Flora Thomson-DeVeaux". Preocupada em ambientar o ouvinte, ela afirma que o local está do jeito que ela se lembrava, com "cara de vila de pescador cenográfica" e conta que no momento que aquela gravação foi feita, as duas estavam de costas para praia, analisando uma fileira de casas a poucos passos da areia. Ela completa: "Depois de meses de apuração, finalmente a gente tava chegando perto. Aqui, numa dessas casas, a Ângela Diniz foi assassinada em 1976". Ainda na gravação feita em Búzios, Flora anuncia que vai ler o laudo do perito acerca do crime, enquanto a sonora dá espaço para locução de apresentação do crime e, em seguida, do próprio podcast — narrados, sempre, por Branca, que se coloca como personagem da história:

**Branca Vianna:** Quando o crime aconteceu, eu só tinha 14 anos. E eu não tinha e continuo não tendo nenhum interesse especial por histórias policiais — e muito menos por coluna de fofoca. O crime ficou famoso porque as pessoas envolvidas eram de coluna social. Mas não foi isso que me chamou a atenção. Esse caso virou um divisor de águas na vida de muitas mulheres e foi por isso que eu quis voltar a ele mais de 40 anos depois.

Essa não é só uma história de coluna social, mas não deixa de ser uma história sobre a imprensa. A história é também sobre o sistema judiciário brasileiro. Sobre como nasce uma mobilização, sobre como as mulheres viviam e morriam nesse país. E como elas continuam vivendo e morrendo.

Essa é a história de uma mulher, da morte dela e de tudo que veio depois.

Eu sou a Branca Vianna e esse é o Praia dos Ossos.  
Episódio Um. O Crime da Praia dos Ossos".

O episódio refaz então, de modo cronológico, o que ocorreu no dia do crime da Praia dos Ossos. Branca explica que, para traçar este percurso, a equipe do podcast entrevistou mais de 60 pessoas, utilizou reportagens de jornal, de televisão e de rádio da época, além de toda a documentação a respeito do ocorrido. Por motivos estéticos, para contornar a falta de arquivo em áudio acerca do crime, a produção contratou um narrador para ler as notícias do jornal, simulando o que foi transmitido via rádio. Para que o ouvinte consiga localizar o que é áudio original e o que é o áudio simulado, o locutor, que não tem o nome divulgado, anuncia cada uma das notícias ao dizer, primeiramente, o nome do jornal onde aquele conteúdo foi publicado.

O podcast é estruturado pela locução de Branca, as sonoras da época e as produzidas para emular a atmosfera destas, sonoras de entrevistados, sons de ambientes e trilha sonora original — esta utilizada tanto de tapete para as sonoras quanto como respiro narrativo. Os entrevistados que compõem o elenco do episódio são todos personagens da própria história em si. Ou seja, estiveram envolvidos diretamente com Ângela Diniz ou Doca Street. Foram ouvidos em "*O Crime de Praia dos Ossos*": Paulo Roberto Pereira, também conhecido como Paulo Badhu, um dos advogados de Doca Street; Ivo Saldanha, psiquiatra que atendeu Doca dias após o crime, enquanto ele ainda estava foragido da justiça; Ângela Teixeira de Mello, amiga do casal, que havia viajado com eles para Búzios e que, portanto, esteve com a dupla momentos antes do crime; Fritz d'Orey, amigo próximo de Ângela que, ao ouvir confidências a respeito do relacionamento abusivo ao qual ela estava sendo submetida, implorou que ela não viajasse para a Praia dos Ossos; e Ivanira Gonçalves de Souza, copeira da casa onde o crime se sucedeu.

Após percorrer o caminho que levou ao feminicídio, desde os dias que o antecederam até a repercussão e mobilização no movimento feminista brasileiro — nos moldes descritos acima —, Branca volta a se colocar como personagem do episódio. Desta vez, ela conta que a pesquisadora Flora Thomson-DeVeaux encontrou o nome da

---

mãe de Branca, de Branca e da irmã dela, no manifesto "Contra o Machismo na Sociedade Brasileira", que foi elaborado após o julgamento do caso. A coincidência se torna gancho para o segundo episódio, cujo lançamento ocorreria uma semana depois:

**Branca Vianna:** Durante a pesquisa pra este podcast, a Flora descobriu um manifesto, que surgiu depois do julgamento, com o título de "Contra o machismo na sociedade brasileira". E, entre as quatrocentas e tantas assinaturas, a Flora achou o nome da minha mãe, o nome da minha irmã, e o meu. Eu tinha 17 anos naquela altura, e não tenho a menor lembrança de ter assinado aquele texto. A minha mãe deve ter botado na minha frente e me mandado assinar. Mas foi curioso reencontrar aquela assinatura quarenta anos depois. Porque aquele manifesto e este podcast não deixam de ser duas tentativas de resposta à mesma pergunta: Como é que um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói? Ou então dá pra dizer assim: Como uma mulher desarmada é morta com quatro tiros e vira a vilã da história? É isso que a gente vai tentar responder no próximo episódio de Praia dos Ossos, acompanhando o julgamento do Doca Street pelo assassinato da Ângela Diniz"

Após esta fala, a trilha volta a soar, enquanto Branca lê o crédito dos colaboradores do episódio e anuncia que, para acessar mais conteúdos a respeito do caso, o ouvinte pode acessar o site oficial do podcast, onde estão alguns extras, como imagens da época, por exemplo. Episódios a frente, Branca também anuncia a existência de um grupo no Facebook, no qual os ouvintes podem conversar a respeito do podcast.

### 3. 2. Em busca de Eldorado

O primeiro episódio de *Retrato Narrado* tem início com uma música de trilha e a narração da apresentadora Carol Pires, que já abre o texto diretamente ao ponto proposto pelo podcast:

**Carol Pires:** Jair Messias Bolsonaro tomou posse como presidente do Brasil em 1 de janeiro de 2019, e eu não sei você, mas eu tenho achado muito difícil de entender tudo que aconteceu desde então.

---

Em seguida, efeitos sonoros que remetem a o ligar de uma televisão ou ao som de um botão de rádio sendo pressionado, por exemplo, se alternam a sonoras de personalidades relevantes para o cenário político nacional, retiradas de programas de televisão, transmissões via redes sociais ou pronunciamentos oficiais. Esse esquema se repete por nove vezes, até que a apresentadora apresenta o argumento, parte da ficha técnica e o nome do podcast:

**Carol Pires:** Por isso eu decidi não correr atrás de cada notícia, em vez disso, eu fui fazer o caminho inverso, eu comecei a andar pra trás. Do ponto de vista humano, eu queria entender de onde o Bolsonaro veio e qual caminho ele seguiu pra se tornar o que ele é hoje. Pra conseguir explicar como, do ponto de vista político, quase 58 milhões de pessoas viram nesse deputado quase folclórico uma solução pro país. E foi assim que eu vim parar em Eldorado.

Eu sou Carol Pires e você está ouvindo o Retrato Narrado, uma série original do Spotify e da revista piauí, produzida pela Rádio Novelo.

Com paisagem sonora da cidade e do carro o qual ela e a equipe utilizaram para chegar no município de Eldorado, no interior de São Paulo, Carol explica que aquela foi a cidade na qual o presidente Jair Bolsonaro passou a maior parte da sua infância e juventude. Logo ao chegar no município, ela conversa com o primeiro entrevistado do episódio, o Dailon (sem sobrenome informado, assim como acontece com os demais moradores que são entrevistados), recepcionista do posto de informações turísticas de Eldorado. É ele quem introduz a temática que vai conduzir uma grande parte do roteiro, ao apresentar dois outros personagens que possuem relação com a cidade — e com o imaginário de Bolsonaro. São eles o desertor militar e guerrilheiro na ditadura Carlos Lamarca e Rubens Paiva, político brasileiro assassinado durante a ditadura. O segundo entrevista é justamente o filho deste último, o escritor Marcelo Rubens Paiva, cuja conversa é a única do episódio que foi gravada em outro lugar que não Eldorado — é inserido, talvez para deixar claro a mudança de espaço, o som ambiente da equipe chegando ao apartamento dele em São Paulo.

Finalizada a participação de Marcelo Rubens Paiva, Carol segue percorrendo a cidade em busca de personagens que possam lhe oferecer alguma história relacionada à vida do presidente quando morava em Eldorado. Ela encontra quatro amigos de infância dele, Joiari, Chico e Aldemir, o professor Valdemir, e o melhor amigo de Bolsonaro,

---

João Evangelista. As entrevistas são alternadas com a locução de Carol, que hora dá detalhes sobre o contexto na qual elas ocorrem, hora acrescenta informações externas a respeito do que foi dito. É numa dessas ocasiões que ela convoca duas fontes que não tiveram qualquer contato com o presidente, apesar de serem afetadas diretamente por algumas das medidas por ele tomadas: Elson, coordenador da comunidade quilombola local, e Ditão, pai de Elson. Nesse momento, o recurso de efeito sonoro atrelado a um áudio de arquivo é utilizado novamente para ilustrar o porquê da inserção da temática quilombola no episódio.

O último — e talvez mais relevante — entrevistado é Ângelo Guido Bolsonaro, irmão do presidente Jair Bolsonaro. Além de Marcelo Rubens Paiva, ele é o único cujo sobrenome é anunciado. Apesar de a voz de Ângelo aparecer somente na negativa à realização da entrevista, Carol narra algumas das coisas que ele disse quando o microfone estava desligado. Ele também é o responsável por fornecer o único conteúdo de arquivo utilizado no episódio que é inédito ao grande público: uma fita em vídeo com gravações de Jair Bolsonaro e filhos nos anos 1980, durante uma visita a Eldorado — conteúdo este que só é revelado ao final do episódio. Carol arremata o roteiro com uma reflexão a respeito do fato de que as principais bandeiras levantadas pelo presidente, atualmente, têm um reflexo direto com o que ele viveu na cidade:

**Carol Pires:** E, no fim da minha viagem por Eldorado, eu fiquei pensando que as principais preocupações do Bolsonaro presidente parecem ter origem na formação dele em Eldorado: o espírito garimpeiro, a intolerância com as reservas indígenas e quilombolas, e pensando em como a família Paiva ficou no imaginário dele como símbolo de poder e aliança com a esquerda, eu não pude deixar de pensar que ele estava esmagado entre essa elite a qual ele não fazia parte e uma classe pobre e minoritária com a qual ele não se identificava. O ódio à esquerda tem uma origem ainda mais clara na passagem do Lamarca e a obstinação das Forças Armadas o impressionou tanto que ele se alistou no Exército.

Ao contrário do que acontece em *Praia dos Ossos*, não há nenhum outro canal onde os ouvintes podem se aprofundar nas informações — com exceção às redes sociais da jornalista, onde foram postadas fotos e vídeos de bastidores.

## CONCLUSÃO

A partir do caminho percorrido nos episódios pilotos, é possível chegar a algumas ponderações a respeito de *Praia dos Ossos* e *Retrato Narrado* e suas respectivas características que os enquadram no gênero audiodocumentário. Para início de conversa, considerando os postulados de Raymond Williams, ao pensar no conceito Estrutura de Sentimento, interpreta-se o documentário cinematográfico como dominante, o audiodocumentário do podcast como emergente e o radiodocumentário como residual. Aqui vale um adendo: apesar de ter surgido depois do radiodocumentário, o documentário audiovisual se popularizou e se consolidou de maneira mais abrangente, tornando-se o principal determinante a respeito dos pormenores da linguagem. Nos dois podcasts analisados, é possível identificar essa soberania a partir do momento em que as equipes de produção de ambos são formadas majoritariamente por profissionais oriundos do audiovisual.

Essa inspiração se mostra ainda mais visível quando se observa os dois podcasts sob a ótica daquilo que José escreveu em *Estruturas do Documentário Radiofônico: Padrão e Desviante*, ao atestar-se que tanto *Praia dos Ossos* quanto *Retrato Narrado* podem ser classificados como pertencentes da categoria Desviante. Segundo José, no Documentário Radiofônico Desviante, como acontece no cinema, o roteiro faz predominar as vozes dos envolvidos, trabalhando a sequência das sonoras por outros modos de combinação. "Especialistas, autoridades e depoentes ocupam o espaço/tempo dando suas próprias vozes aos relatos (...), sob a orientação de um tipo de encaminhamento que lineariza os fragmentos como se fosse um único texto" (JOSÉ, 2015).

O tópico interatividade, conforme descrito por Ortriwano, no artigo *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos* (1998), continua aquém da utopia de um produto que permita a participação efetiva dos ouvintes: o ouvinte só participa na medida em que atende aos interesses do próprio sistema, nunca para questioná-lo" (ORTRIWANO, 1998). Em *Praia dos Ossos*, há ao menos a intenção da promoção de algum diálogo, com a criação de um grupo de discussão. Em episódios seguintes, por exemplo, um erro de apuração foi corrigido após sinalização do público: uma canção,

---

que pode ser ouvida no episódio piloto, foi creditada erroneamente ao médium Chico Xavier, quando, na verdade, foi escrita por um homônimo dele.

Apesar de a análise dos dois episódios pilotos não contemplar a totalidade de ambos podcasts, eles conseguem demonstrar de maneira clara a linha que é seguida nos capítulos seguintes: narrativas em formato de mosaico, com forte inspiração cinematográfica, trazendo personagens que estiveram em contato direto com a história relatada com principais fontes e personificando a figura do narrador a partir do momento em que as duas apresentadoras se colocam como parte da narrativa. *Praia dos Ossos* e *Retrato Narrado* são exemplos de uma possível nova leva de audiodocumentários em formato de podcast que podem vir a moldar a maneira com a qual pensamos o gênero — e, quem sabe, possam um dia ganhar o status de dominante no contexto de Estrutura de Sentimento.

## BIBLIOGRAFIA

GOMES, Itania Maria Mota. *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo* (org.). Salvador: Edufba, 2011.

\_\_\_\_\_. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. In: GOMES, Itania Maria Mota, JANOTTI JUNIOR, Jeder. *Comunicação e Estudos Culturais*. Salvador: Edufba, 2011.

JOSÉ, Carmen Lúcia. *Estruturas do Documentário Radiofônico: Padrão e Desviante*. Revista Ibero-americana para comunicação e cultura contra-hegemônicas, v. 3, 2015.

LABAKI, Almir. MOURÃO, Maria Dora G. *Imagens da Subjetividade*. Festival Internacional de Documentários. São Paulo, 2003.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história*. São Paulo: Revista USP, n. 56, Dez/Fev. 2002-2003. p. 66-85. Disponível em: . Acesso em: 30 Jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

\_\_\_\_\_. *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos (1998)*

SARLO, Beatriz. Raymond Williams, uma releitura. In: SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 85-95.

WILLIAMS, Raymond. Literature and Sociology: in memory of Lucien Goldmann. *New Left Review*, I/67, p. 3-18, May/June, 1971;

\_\_\_\_\_. *Marxismo e literatura*. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. Trad. de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1969. Primeira edição de 1958.